SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DIREITO DA FEPODI

S472
Seminário Nacional de Formação de Pesquisadores e Iniciação Científica em Direito da FEPODI [Recurso eletrônico on-line] organização Federação Nacional dos Pós-Graduandos em Direito - FEPODI;

Coordenadores: Beatriz Souza Costa, Lívia Gaigher Bosio Campello, Yuri Nathan da Costa Lannes – Belo Horizonte: ESDH, 2017.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-383-2
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

1. Direito – Estudo e ensino (Graduação e Pós-graduação) – Brasil – Congressos nacionais. 2. Direito Constitucional. 3. Direito ambiental. 4. Direito Administrativo. 5. Direito Civil. 6. Direito Penal. 7. Direitos Humanos. 8. Direito Tributário. 9. Filosofia Jurídica. 10. Gênero. 11. Diversidade Sexual. I. Seminário Nacional de Formação de Pesquisadores e Iniciação Científica em Direito da FEPODI (1:2016 : Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

FEPODI
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PÓS-GRADUANDOS EM DIREITO

SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DIREITO DA FEPODI

Apresentação

É com imensa satisfação que a Escola Superior Dom Helder Câmara e a Federação Nacional dos Pós-graduandos em Direito – FEPODI apresentam à comunidade científica os Anais do Seminário Nacional de Formação de Pesquisadores e Iniciação Científica em Direito. Tal produção resulta do exitoso evento sediado nas dependências da Escola Superior Dom Helder Câmara, em Belo Horizonte-MG, nos dias 10 e 11 de outubro de 2016, que contou com o valioso apoio do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito – CONPEDI e da Associação Brasileira de Ensino do Direito – ABEDi.

Trata-se de obra coletiva composta por 263 (duzentos e sessenta e três) resumos expandidos apresentados no seminário e que atingiram nota mínima de aprovação dentre os 318 (trezentos e dezoito) trabalhos submetidos ao evento. As comunicações científicas estão organizadas em 21 (vinte e um) Grupos de Trabalho ligados a diversas áreas do direito, inseridos num ambiente de ricos debates e profundas trocas de experiências entre os representantes das mais diversas localidades do Brasil.

Os referidos Grupos de Trabalho contaram, ainda, com a contribuição de proeminentes docentes ligados a renomadas instituições de ensino superior do país, os quais indicaram os caminhos para o aperfeiçoamento dos trabalhos dos autores, afim de que eles estejam aptos, após desenvolvimento, a serem publicados posteriormente nos periódicos jurídicos nacionais.

Neste prisma, os presentes anais, de inegável valor científico, já demonstram uma contribuição para a pesquisa no Direito e asseguram o cumprimento dos objetivos principais do evento de fomentar o aprofundamento da relação entre pós-graduação e graduação em Direito no Brasil, bem como de desenvolver os pesquisadores em Direito participantes do evento por meio de atividades de formação em metodologias científicas aplicadas.

Uma boa leitura a todos!

Beatriz Souza Costa

Lívia Gaigher Bosio Campello

Yuri Nathan da Costa Lannes

Coordenadores Gerais do Seminário Nacional de Formação de Pesquisadores e Iniciação Científica em Direito.

WITTGENSTEIN SOB UMA NOVA PERSPECTIVA DE ANÁLISE FILOSÓFICA AMBIENTALISTA: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NATUREZA

WITTGENSTEIN FROM A NEW PERSPECTIVE OF ENVIRONMENTAL PHILOSOPHICAL ANALYSIS: CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF NATURE

Karen César Drumond Viana [1]

Resumo

No presente artigo trataremos de analisar com propriedade o autor Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco considerado um dos principais atores da virada linguística da filosofia no século XX. Analisaremos seus dois momentos antagônicos de raciocínio lógico, baseando-nos nas obras Tractatus Logico-Philosophicus e Investigações Filosóficas, no que diz respeito à formação da linguagem, para construirmos didaticamente os conceitos de Natureza physys sob seus preceitos.

Palavras-chave: Wittgenstein, Natureza, Filosofia

Abstract/Resumen/Résumé

In this article we will analyze properly the author Ludwig Wittgenstein, an Austrian philosopher considered one of the most important actors of the linguistic turn in the twentieth century. We will discuss his two antagonistic moments of logical reasoning, based on his most famous works, Tractatus Logico-Philosophicus and Investigações Filosóficas, with regard to the formation of language, didactically to build the concepts of physys nature.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Wittgenstein, Nature, Philosophy

[1] Graduando em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara na modalidade Direito Integral.

INTRODUÇÃO

Atualmente verifica-se em todo o mundo que os problemas ambientais têm se intensificado progressivamente, gerando problemas como: a extinção de espécies, gerando uma ruptura com o equilíbrio ecológico, o aquecimento global aumentando a frequência de desastres naturais envolvendo enchentes, o desmatamento para o desenvolvimento das indústrias, o excesso de lixo que polui as águas e intoxica os animais que nelas habitam, além da escassez desta, entre outros. Todas estas questões ambientais são geradas e mantidas através da ação constante do homem sobre a natureza, alterando de fato, cada vez mais, a ordem das coisas.

Percebe-se, portanto, que apenas as tentativas às cegas de resolver os problemas ambientais não são suficientes, sendo necessário recorrer a filosofia para buscar o fundamento, neste caso o conceito de natureza, e logo, as respostas que procuramos:

> "O direito ambiental, que muitas vezes é conduzido com paixão, na academia deve ceder à filosofia, caso contrário corre o risco de permanecer sendo mera opinião ou imposição. A filosofia surge, então, como aquela capaz de dar um fundamento racional às questões ambientais" (VILAS BOAS, Émilien, 2014, p.17).

Recorreremos então à filosofia de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein em sua perspectiva ambiental de forma a extrair o conceito de Natureza em ambos os momentos. No primeiro momento, em vida, publicou o livro Tractatus Logico-Philosophicus influenciando o positivismo lógico, uma vez que sua obra agrupa uma série de proposições enumeradas que vão de 1 a 7 segundo o nível de complexabilidade da argumentação. Já como seu segundo momento, são publicadas postumamente outras obras, como Observações Filosóficas, os Cadernos Azul e Marrom, Conferências e Discussões sobre Estética, Psicologia e Crença Religiosa e Investigações Filosóficas, onde nesta última focaremos nosso estudo sobre o "segundo Wittgenstein".

1. DO PRIMEIRO MOMENTO

É importante percebermos que Wittgenstein era um grande apreciador da lógica filosófica, assim poderemos compreender com mais clareza seus argumentos e lidar com suas

declarações lógicas enumeradas, pois é assim que se desenvolve o roteiro do Tractatus Lógico Philosophicus que analisaremos precisamente a seguir.

Sua intenção com a primeira obra era a de explicitar uma função afigurativa da linguagem, em que esta seria uma estrutura lógico-formal que se decomposiria em elementos ou unidades simples, assim como o nome se decomposiria em designações; como por exemplo, o nome "livro" significaria "uma coletividade de folhas". O objeto afigurado pelo nome, não poderia nunca ser composto, pois o objeto forma a substância do mundo e ela não pode ser composta. Para Wittgenstein, o mundo era deduzido em fatos e os seres humanos formariam "imagens" desses fatos que seriam em suma linguísticas, transformadas depois em proposições para dar veracidade a cada argumento fático, ou seja, o papel da linguagem seria de descrever o mundo.

É preciso entender então que as proposições deviam ser consideradas verdadeiras ou falsas, de acordo com a sua representação das "imagens" do mundo, pois assim seria possível verificá-las. Assim foi determinado que as proposições consideradas verdadeiras seriam dotadas de sentido e tudo aquilo que não pudesse ser comprovado por meio de proposições lógicas, seria sem sentido, como por exemplo, a metafísica.

Neste momento surge a filosofia analítica, pois o autor passa a entender que os problemas filosóficos reunidos formariam um todo que deveria ter seu significado encontrado a partir do estudo da linguagem, linguagem esta que seria o limite do pensamento. Já o sentido para o autor se trataria das condições de verdade das proposições analisadas, de forma que uma sentença poderia ser considerada verdadeira ou falsa, e daí teria ou não sentido e possibilidade de existir no mundo.

Desta forma, desenvolvem-se as 7 proposições enumeradas segundo seu nível de complexidade da argumentação, para tentar resolver os problemas filosóficos de análise da linguagem, sendo para nós relevante, somente a primeira delas: 1) "O mundo é tudo o que ocorre". A partir de agora trataremos com exclusividade desta proposição para elaborarmos o conceito de natureza da forma mais simples e clara possível para o leitor, sendo assim temos que:

> "1(*) O mundo é tudo o que ocorre. 1.1 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. 1.11 O mundo é determinado pelos fatos e por isto consiste em todos os fatos. 1.12 A totalidade dos fatos determina, pois, o que ocorre e também tudo que não ocorre. 1.13 Os fatos, no espaço lógico, são o mundo. 1.2 O mundo se resolve em fatos. 1.21 Algo pode ocorrer ou não ocorrer e todo o resto permanecer na mesma. •2 O que ocorre, o fato, é o subsistir dos estados de coisas. 2.01 O estado de coisas é

> uma ligação de objetos (coisas). 2.011 É essencial para a coisa poder ser parte constituinte do estado de coisas" (WITTGENSTEIN, 1994, p.55).

Neste trecho, o autor demonstra que o mundo é resumido por todos os fatos, que são representados por objetos, mas ressalta que o fato é o subsistir da ligação das coisas e objetos; e continua nos trechos a seguir:

> 2.02 O objeto é simples. 2.0201 Cada asserção sôbre complexos deixa-se dividir numa asserção sôbre suas partes constitutivas e naquelas proposições que descrevem inteiramente tais complexos. 2.021 Os objetos formam a substância do mundo. Por isso não podem ser compostos. 2.0211 Se o mundo não possuísse substância, para uma proposição ter sentido dependeria de outra proposição ser verdadeira. 2.0212 Seria, pois, impossível traçar uma figuração do mundo (verdadeira ou falsa). 2.022 É claro que um mundo, pensado muito diferente do real, deve possuir algo — uma forma — comum com este mundo real. 2.023 Esta forma fixa consiste precisamente em objetos. 2.0231 A substância do mundo pode determinar apenas uma forma, mas não propriedades materiais; já que estas são primeiramente representadas pelas proposições — primeiramente formadas pela configuração dos objetos." (WITTGENSTEIN,1994, p.57)

Já neste trecho, Wittgenstein define o objeto como a substância mundo, ou seja, o objeto é simples por que a substância do mundo é simples e representa apenas uma forma (um modelo inicial que não representa nada com propriedade material, apenas um esboço do que pode vir a ser). Sendo assim, a substância do mundo passa a ser classificada por nós como aquela "forma" ou "esboço inicial" que dá origem a todas as coisas e objetos.

Em outros momentos o autor chega a a dizer que as proposições genuínas dizem apenas como as coisas são, e não como elas devem ser; em seguida afirma que no mundo não existem necessidades, tudo é acidental, e se é acidental, não existe valor no mundo, em suas palavras: "No mundo, tudo é como é e acontece como acontece: nele não há valor, e, se houvesse, o valor não teria valor"(WITTGENSTEIN, 1994, p.126). Como expressa Civita: "Assim, o mundo, e o que está nele, não é bom nem mau. Bem e mal existem apenas em relação ao sujeito e este também é concebido por Wittgenstein como transcendental" (CIVITA, Victor, 1999, p.14).

A respeito das coisas metafísicas, transcendentais e sem sentido, o autor não diz que sejam absurdas, mas apenas além do alcance da linguagem, estabelecendo filosoficamente: "Existe com certeza o indizível" (WITTGENSTEIN, 1994, p.129).

Há em seguida a constatação de que o objeto do mundo é sua substância, que subsiste independentemente do que ocorre, que é um esboço acidental que subsiste e que dá início a todas as coisas que irão se tornar materiais. Ora, mas o que seria o início de tudo, senão a

própria Natureza? Poderíamos ainda, pensar que a Natureza não fosse o início de tudo, que devesse haver algo antes que desse origem ao objeto do mundo, mas se houvesse seria algo metafísico ou inverificável por meio das proposições, então não teria sentido e não existiria. Afinal, o próprio autor define o mundo como acidental, ele é o que é, e o que acontece é o que acontece. Existiria, portanto, algo mais acidental e primário que a Natureza? Perceba a lógica.

O mundo é tudo que ocorre
Tudo o que ocorre é o objeto do mundo
O objeto do mundo é formado pela substância

O objeto do mundo é formado pela substância
A substância é o início de tudo
O objeto do mundo é formado pelo início de tudo

O início de tudo é a substância que é a natureza
O que ocorre é objeto do mundo formado pela natureza.
O mundo é o que a natureza forma

Por fim, percebemos que a Natureza se dá como o início de tudo que subsiste independentemente do que ocorra, de forma fixa e acidental, dando forma aos objetos que se tornarão materiais e simples, constituindo os fatos do mundo. Portanto, a natureza é o que dá início a tudo.

2. DO SEGUNDO MOMENTO

Feita a análise do primeiro momento do autor e construído o conceito de Natureza a partir de suas constatações, partiremos agora para uma tarefa mais árdua, qual seja encontrar o segundo e atual conceito de Natureza *physis*. Inicialmente o autor passa por um momento complexo de descobrimento, onde percebe uma falha em seu primeiro estudo, chegando a declarar que a linguagem possui efeitos enfeitiçadores sobre o pensamento. Para que se torne mais claro perceber este efeito, vejamos:

> "Posso querer dizer com a palavra "bububu": "Se não chover, irei passear"? Apenas numa linguagem posso querer dizer algo com algo. Isto mostra claramente que a

> gramática de “querer dizer” não é semelhante à da expressão “representar-se algo” e coisas do gênero” (WITTGENSTEIN apud CIVITA, 1999, p.41).

Assim chega-se à conclusão de que tudo se trata na verdade de “jogos de linguagem”, onde se deve buscar não mais o significado das palavras e sim suas funções práticas, ou seja, a linguagem deixaria de ser “unificada” por uma estrutura lógica e formal:

> “Em primeiro lugar, bem como num jogo, a linguagem possui regras de constituição, a saber, as regras da gramática. Essas regras gramaticais, diferentemente de regras de estratégia, não nos informam que lance – no caso do jogo, ou proferimento – no caso da linguagem, terá sucesso, e sim o que é correto ou faz sentido, definindo 2 assim o jogo ou a linguagem. Segundo, o significado de uma palavra não é um objeto que a sucede, mas é determinado pelas regras que norteiam seu funcionamento” (RUY, Cazelato, 2008, p. 1-2).

Ao perceber que a linguagem possui um sentido, ou seja, as palavras possuem uma “ideia”, o autor constrói proposições em que ao final, os números contidos são excluídos. Isto trás a revelação de que quando se pensa em uma palavra, se menciona diretamente uma ideia ou objeto que vem à mente através do senso comum, porém o mesmo não ocorre com os números, uma vez que quando prununciada a palavra “dois” só se consegue pensar na representação da palavra “dois” que é o número “2”. Nunca se conseguia portanto chegar a um sentido desta palavra ou do número em si, não era possível encontrar o seu significado.

Neste momento de análise profunda da linguagem Wittgenstein nota que não há uma única maneira de se expressar por meio da linguagem, existindo apenas certas semelhanças, certo “ar de família”, permitindo que as palavras se combinem e se entrecruzem todo o tempo, passando então a reconhecer um processo de abstração, onde rompe-se com o conceito de linguagem que busca uma coisa imediata acompanhada à palavra, de forma tal que o sentido não seria subjetivista em sua fundamentação e sim construído por meio de uma comunidade, processo este que foi reconhecido como os “Jogos de Linguagem”.

Visto isso, passaremos pela análise de alguns dos argumentos do autor, para construir o conceito de Natureza, observando, primeiramente, que em sua obra, questiona-se em dado momento, acerca da própria extração de conceitos:

> “Se se pode explicar a formação de conceitos por fatos da natureza, não nos deveria interessar, em vez da gramática, aquilo que na natureza lhe serve de base? - Interessam-nos também a correspondência de conceitos com fatos muito gerais da natureza. (Aqueles que, por causa da sua generalidade, quase sempre não nos chamam a atenção.) Mas nosso interesse não se volta para essas possíveis causas da formação de conceitos; não fazemos ciência natural nem história natural -, pois

> podemos também inventar algo de história natural para nossas finalidades" (WITTGENSTEIN *apud* CIVITA, 1999, p.205).

A partir deste trecho, percebemos que o autor se refere diversas vezes à natureza das coisas, porém, não reflete o conceito da própria natureza, afirmando que dela se podem extrair diversos conceitos adaptados a diversas finalidades.

Desta forma retoma a idéia da relação entre nome e denominado, exemplificando a noção de que ao ouvir um nome é evocada em nossa mente uma "imagem denominada", porém, desta vez numa perspectiva diferente, concluindo que tudo que chamamos de nome é dito apenas num sentido inexato e aproximativo. Refletimos então sobre esta constatação e percebemos que a palavra "natureza" não evoca uma única imagem, não evoca uma única idéia, apenas um certo "ar de família". Isto ocorre por que o nome das coisas deveria ser simples de maneira a representar apenas um denominado (como afirma no Tractatus), mas agora passa-se a perceber que este pode ser composto de diversas formas, de acordo com a variação da linguagem e significados atribuídos:

> "Mas um tabuleiro de xadrez não é evidentemente composto? - Você pensa certamente na composição de trinta e dois quadrados negros e trinta e dois quadrados brancos. Mas não poderíamos dizer também que é composto das cores branca e negra e do esquema da rede de quadrados? E se há aqui diferentes modos de consideração, você quer ainda dizer que o tabuleiro de xadrez é meramente "composto?" (WITTGENSTEIN *apud* CIVITA, 1999, p.44).

Perceba-se portanto que podemos ter um nome e denominação simples, mas também podemos ter um nome e denominação compostas que se representam de diversas formas, havendo portanto uma relativização quanto à atribuição de significado do nome. Um comprimento de 2 cm pode consistir em duas partes de comprimento de 1cm ou por um pedaço de 3cm acrescentado de forma negativa de 1 cm.

Com base nisso constatamos que a palavra Natureza independe da existência de um único denominado ou significado que nos seja conhecido de forma unificada, existindo diversas maneiras de se retratar o conceito de Natureza (que irá variar também de acordo com o contexto) ou até mesmo desconhecendo-o. Analogicamente, poderíamos concluir então que a Natureza é como o Tempo, paradigmas nos jogos de linguagem, que podem as vezes adquirirem um sentido em uma determinada comunidade. Assim como o próprio autor afirmara no início de seus trabalhos: "Existe com certeza o indizível" (WITTGENSTEIN, 1994, p.129)!

CONCLUSÃO

É necessário ressaltarmos aqui, mais uma vez, que este texto não se trata de uma verdade absoluta, mas sim de uma busca por fundamentos filosóficos que nos ajudem a compreender os acontecimentos recentes, trata-se da constante tentativa de entender a linguagem afim de desvendar tudo que existe por trás desta. Como diria o autor Wittgenstein, é o papel do filósofo.

Desta forma, analisamos as duas obras principais do autor, afim de compreender seu raciocínio lógico e extrair os dois conceitos da Natureza *physis* tratando de seus dois momentos antagônicos. No primeiro momento percebemos, por meio da interpretação, analogia e lógica, que a Natureza seria o início de tudo que forma os objetos do mundo; já no segundo momento a Natureza se revela para o autor como indizível, ou seja, indecifrável, algo que não possui um significado imediato por trás do nome, e sim passível de significação através de uma convenção social, ainda não formada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIVITA, Victor. **Wittgenstein - Vida e Obra: Investigações Filosóficas.** São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

RUY, Cazelato. **O CONCEITO DE JOGOS DE LINGUAGEM NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE WITTGENSTEIN**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/MateusCRuy.pdf>. Acesso em: 22 de agosto, 2016.

VILAS BOAS, Émilien. **Entre a Filosofia e o Ambiente**: bases filosóficas para o Direiro Ambiental. Belo Horizonte: 3i Editora, 2014.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus.** Tradução Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.